

# **DEMANDA POR EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ENTRE JOVENS DA METRÓPOLE: O CASO DO LICEU ACADÊMICO SÃO PAULO**

*Zeila de Brito Fabri Demartini\**

## *Resumo*

Neste artigo focalizamos alguns aspectos das implicações da existência de imigrantes na região metropolitana de São Paulo para o sistema educacional que foi se constituindo nas primeiras décadas do século XX. As condições favoráveis do contexto paulista funcionavam como um forte polo de atração para imigrantes de várias regiões do mundo, não só para trabalhar na lavoura, pois muitos viam na área metropolitana possibilidades de exercerem atividades comerciais, industriais e de serviço; além disso, como o campo cultural e educacional se encontravam mais desenvolvidos, visualizavam aí possibilidade de ascensão social. As demandas dos vários grupos que chegavam foram muito grandes no tocante ao atendimento às necessidades de educação de crianças e jovens. A história do Liceu Acadêmico São Paulo, abordada neste artigo, é um exemplo de como o

---

\* Diretora de pesquisa do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU/USP), professora-colaboradora da Faculdade de Educação da UNICAMP e pesquisadora do CNPq. Email: <zeila.demartini@gmail.com>

sistema educacional paulista foi sendo ampliado para atender a essas demandas decorrentes do grande crescimento populacional, da expansão do mercado de trabalho urbano e às necessidades dos vários grupos de imigrantes para sua inserção no mercado de trabalho.

*Palavras-chave:* Educação profissional. Jovens imigrantes. São Paulo. Liceu Acadêmico São Paulo.

### *Abstract*

This article makes evident some aspects of the implications (consequences) of the existence of immigrants living in the metropolitan region of São Paulo for the educational system that has been constituted during the first decades of the twentieth century. The propitious conditions of the context of São Paulo operated as a strong attraction pole for immigrants from several regions of the world, not only to work at the agriculture, but also at commercial and industrial activities, as well as at services sector. Furthermore, as the cultural and educational areas were more developed, they considered it as a possibility of social ascension. The demands from various groups that arrived in São Paulo were very high as regarding the necessities of schooling children and young people. The history of the Academic Lycée São Paulo, analysed in this article, is an example of how the educational system of São Paulo was being enlarged in order to attend these demands, originated from the great population growth, the

expansion of the urban work market and the necessities of the different immigrant groups who wanted to enter in the work market.

*Keywords:* Professional education. Young immigrants. São Paulo. Lyceum of São Paulo.

### *Introdução*

Em nossas pesquisas procuramos analisar os vários campos de inserção dos imigrantes em São Paulo: econômico, educacional, político, religioso, cultural e familiar.

Nosso *locus* é a região metropolitana de São Paulo focalizando o período do final do século XIX até o início do XXI, tendo abordado diferentes grupos de imigrantes em sua inserção nesse contexto ao longo de todo esse período.

Neste artigo focalizamos alguns aspectos das implicações da existência de imigrantes na metrópole para o sistema educacional que foi se constituindo nas primeiras décadas do século XX. Foi nesse período que a imigração se intensificou em São Paulo com a chegada de grandes levas de imigrantes: assim, de 1890 a 1909 entraram 604.877 italianos, 175.518 espanhóis, 116.108 portugueses e 825 japoneses, entre imigrantes de outras origens; no período de 1910 a 1929 os portugueses aparecem em primeiro lugar: vieram 246.048 imigrantes, seguidos por 199.140 espanhóis, 180.612 italianos e 84.278

japoneses (D.T.C.I., 1937). Como se vê, a presença de imigrantes era constituinte da realidade social.

Como vários autores mostraram, as condições favoráveis do contexto paulista, com a expansão cafeeira, funcionavam como um forte polo de atração para imigrantes de várias regiões do mundo (PETRONE, 1977; PESTANA, 1923; SILVA, 1960; MILLIET, 1939). Muitos estudos também permitem visualizar como a área metropolitana de São Paulo, paralelamente ao desenvolvimento e atração do setor agrícola, despertava interesse dos imigrantes, que aí viam a possibilidade de inserção não só nessas atividades, mas também nas comerciais, industriais e de serviços; havia aí possibilidades de exercerem outras atividades que muitos deles já desempenhavam em seu país de origem. Para alguns, a metrópole de São Paulo era o local mais almejado para morar, em seu processo de ascensão social (DEMARTINI, 1995, 1997). Dados seu crescimento rápido e a grande expansão comercial e industrial nesse período, a metrópole exercia um fascínio especial sobre muitos, pois aí não só o campo econômico, como o cultural e o educacional se encontravam mais desenvolvidos. Por tais razões as demandas dos vários grupos que chegavam à metrópole foram muito grandes no tocante ao atendimento às necessidades de educação de crianças e jovens.

Um exemplo de como o sistema educacional paulista foi sendo ampliado para atender a essas demandas decorrentes do grande crescimento populacional, da expansão do mercado de trabalho urbano

e às necessidades dos vários grupos de imigrantes para sua inserção no mercado de trabalho fica evidente na história do Liceu Acadêmico São Paulo, que abordamos neste artigo<sup>2</sup>.

O desenvolvimento dessa escola foi marcado por crescente ascensão, tendo incorporado todos os níveis de ensino ao longo dos anos, chegando inclusive a oferecer cursos superiores (Faculdade Carlos Pasquale).

A história do Liceu Acadêmico São Paulo insere-se no contexto do ensino particular na cidade de São Paulo, que, no período considerado, teve grande ampliação com a criação não só de escolas étnicas por parte dos próprios grupos de imigrantes (DEMARTINI, 2010), como também pela criação de escolas voltadas para a formação de profissionais que pudessem se inserir no mercado em expansão.

Como foi bem observado por Azevedo (1960), o atendimento por parte da rede pública era extremamente deficiente com relação a essa demanda, pois não conseguia nem mesmo atender às necessidades de escolarização básica da população; assim, principalmente os jovens

---

<sup>2</sup> Este artigo é parte de uma pesquisa (de que também participaram Yara Espósito, Fátima M. R. Ferreira Antunes e Regina Celia Grimaldi) sobre o sistema educacional na cidade de São Paulo e seus arredores nas primeiras décadas do século XX (período anterior a 1937), em que trabalhamos especialmente com as memórias de professores que aí lecionaram. Assim, entrevistamos mestres que davam aulas em casas de família, outros que lecionavam em escolas públicas (grupos escolares e escolas isoladas) e em diferentes tipos de escolas particulares (leigas e religiosas). Por meio de suas memórias e da documentação por eles fornecida, procuramos encontrar elementos novos que permitissem ampliar o conhecimento disponível sobre alguns aspectos da implantação, expansão e funcionamento deste sistema educacional. Ver relatório de pesquisa *Memórias de velhos mestres da cidade de São Paulo e seus arredores* (CERU, FCC, CNPq, 1988).

tenham que recorrer ao ensino particular para adquirir as habilidades exigidas pelo comércio e pela indústria:

Se passarmos do campo do ensino profissional industrial para o ensino destinado à preparação para as atividades técnicas comerciais, a primeira impressão que se colhe é que o Estado que às vezes atribui a si, a ponto de absorvê-la, a tarefa da educação, deixou este departamento do ensino inteiramente ao cargo da iniciativa privada. O Estado, vendo que, pelo esforço particular, rompiam por toda parte, escolas de comércio, cruzou os braços e respirou satisfeito... Mas se é animadora a intervenção da iniciativa privada em favor do ensino comercial, é lamentável que a sua cooperação não se faça sentir, com igual intensidade, nos outros ramos de ensino, não se pode aplaudir o descaso dos poderes públicos estaduais por uma questão que não interessa apenas às classes comerciais. A pouca duração e a organização frequentemente defeituosa desses cursos, a preparação deficiente de professores, a influência desnacionalizadora de escolas e meios comerciais estrangeiros e, por fim, a concorrência desregrada de estabelecimentos fundados com

espírito exclusivo de lucro, bastariam para dar a medida da importância e gravidade da questão. De fato, o ensino comercial em seus vários graus para preparação às diversas profissões e atividades que correspondem às necessidades especializadas do comércio, não se pode colocar apenas “em vista da classe” a que diretamente serve, mas em função da realidade social e das necessidades nacionais. (AZEVEDO, 1960. p. 178,179)

O ensino particular na cidade de São Paulo compreende aspectos que consideramos importantes para a melhor apreensão da complexidade do sistema educacional que foi se constituindo no estado. As escolas mantidas por particulares já reuniam, em 1914, cerca de 23.640 alunos, enquanto nas escolas públicas havia 40.274, evidenciando o importante papel desempenhado pelo ensino privado, principalmente no tocante ao ensino primário, no quadro geral da educação na primeira metade do século XX (ANNUARIO, 1914). A imagem veiculada nas publicações oficiais da Diretoria Geral da Instrução Pública sobre o ensino particular na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século passado é desfavorável e pessimista e o tratamento dado às escolas particulares tende a ser homogêneo; nos relatórios das autoridades escolares do Estado, os problemas de maior gravidade relacionados ao funcionamento dessas escolas são atribuídos,

de modo generalizado, ao conjunto delas, englobando nesta categoria escolas de nível primário, secundário, superior, ensino profissional e escolas mantidas por colônias estrangeiras. Alguns autores consideram que é preciso ter prudência ao se lidar com as informações dos inspetores escolares, pois estes, muitas vezes, poderiam tender a julgar as escolas particulares com excessiva severidade, em função das relações que mantinham com esses estabelecimentos enquanto autoridades escolares.

Uma análise dessa realidade baseada em fontes de outra natureza, isto é, em relatos orais de professores por nós entrevistados que lecionaram em escolas particulares criadas na Primeira República, permite problematizar a imagem acima, formulada nos anuários do ensino geralmente pelos inspetores escolares, fundados em um discurso nacionalista. Pautamo-nos pela metodologia da História Oral para a análise histórico-sociológica do campo educacional paulista, trabalhando com histórias de vida gravadas em complementaridade a documentos escritos e fotografias das experiências abordadas. No caso da área metropolitana de São Paulo, entrevistamos trinta e três educadores sobre as experiências que vivenciaram. Por se tratar de pesquisa qualitativa, em que não havia conhecimento sobre a existência de possíveis dados, optou-se pela diversidade dos sujeitos conforme os tipos de escola: públicas, particulares (religiosas, étnicas, leigas) etc. O trabalho de localização foi demorado e difícil, mas chegou-se a resultados que conseguiram cobrir uma gama de experiências sobre o



campo educacional. O material foi transcrito integralmente e analisado segundo as diversas experiências (DEMARTINI, 2018).

Trataremos de um dos tipos de escola que foram criadas nas primeiras décadas republicanas, os liceus, que, ao lado de externatos, cursos preparatórios, escolas de ordens religiosas, escolas de grupos de imigrantes etc., constituíram um sistema educacional extremamente diversificado. Por meio dos relatos de educadores que acompanharam a criação e a história do Liceu Acadêmico São Paulo analisaremos suas especificidades e suas vinculações com o sistema educacional mais amplo.

Relembrando a situação do campo educacional em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, é preciso observar que, em virtude da implantação da Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental de 1911 (Lei Rivadavia), desaparecera a exigência, em vigor até então, da conclusão de curso ginásial para o prosseguimento de estudos em escolas normais ou faculdades. Assim, durante a década de 1910 e até meados da de 1920, os cursos ginásial, normal e superior mantiveram-se enquanto estruturas relativamente autônomas. Para o ingresso nos cursos superior e normal, bastava que o candidato comprovasse sua capacidade por meio de um “exame de entrada”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O curso ginásial, durante muito tempo, foi oferecido apenas pelo Estado, mas o reduzido número de escolas existentes permitia que apenas uma diminuta elite tivesse acesso a ele. A discussão acima encontra-se em detalhes em: NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pedagógica e Universitária / MEC, 1974.

No entanto, a Reforma de 1925, também conhecida como Reforma Rocha Vaz, introduziu alterações significativas quanto ao curso ginasial. Em resumo, ela previa “a implantação generalizada de um ensino ginasial, seriado e com frequência obrigatória e o alargamento das funções normativas e fiscalizadoras da União quanto à instrução secundária de todo o país”<sup>4</sup>. A partir de então, caberia ao Estado criar e manter essas escolas, assegurando às camadas menos favorecidas todo o necessário à matrícula e frequência.

Embora essas medidas tenham ampliado as possibilidades de acesso a ginásios e, posteriormente, a escolas normais ou outras, antes limitadas apenas a uma elite, o número de escolas existentes ainda não era suficiente o bastante para atender à demanda da população. O Liceu Acadêmico São Paulo veio contribuir para atender a essa demanda crescente, principalmente com relação ao ensino profissional.

### *A criação do Liceu Acadêmico São Paulo em região de trabalhadores*

Os liceus diferenciavam-se dos externatos não apenas em sua origem – geralmente criados por grupos de amigos – como também pelo esquema de funcionamento – maior número de cursos e horários oferecidos, instalações apropriadas ao desenvolvimento de atividades

---

<sup>4</sup> NAGLE, Jorge, op. cit., p. 149.

educacionais. No entanto, as duas escolas desse tipo, a cujos históricos tivemos acesso em nossas pesquisas – o Liceu Nacional Rio Branco e o Liceu Acadêmico São Paulo – embora tenham sido criadas graças à iniciativa de amigos com interesses comuns, distinguiam-se em vários aspectos, seja pelos cursos ministrados, pelos objetivos a que seus fundadores tinham em mente, pelo tipo de clientela a que se destinavam, pela localização, pela origem dos professores fundadores entre outros. Assim, enquanto o Liceu Nacional Rio Branco nasceu da união de um grupo de educadores eminentes na época, voltando-se para o atendimento à camada alta da população, em geral, filhos de grandes fazendeiros e das famílias tradicionais brasileiras, o Liceu Acadêmico São Paulo teve origem mais humilde.

Este último, foco de nossa análise, foi criado por um grupo de jovens moradores do bairro do Brás e imediações, região mais pobre em que residiam famílias de trabalhadores de várias origens.

A escola nasceu com o nome de Academia Commercial Cenáculo, em função de um jornal de variedades de mesmo nome, criado e editado por esse grupo de amigos. Modestamente instalada na Rua Oriente, a escola abriu suas portas a rapazes de camada média e baixa, dispostos a frequentar um curso noturno de contabilidade. De acordo com os fundadores:

A nossa escola começou em abril de 1927. Nós éramos vários rapazes e nós mantínhamos na ocasião

– antes da escola – nós mantínhamos um pequeno jornal literário... que se chamava ‘O Cenáculo’. Então, nós éramos um grupo, sei lá... de sete, oito, nove rapazes e nós nos reuníamos periodicamente... e escrevíamos artigos diversos: literatura, poesia, sobre teatro, sobre cinema, que naquela época era ainda incipiente. Mas, depois de dois anos de funcionamento, não havia mais condições financeiras de manter o jornal. Porque... de dia para dia o seu custo encarecia e nós todos vivíamos de salário. Ninguém era filho de capitalista... (Riso) E não havia mais possibilidade. Então nós resolvemos parar o jornal. E um dos rapazes que fazia parte do grupo era o professor de Português Salvador Fraga. Ele disse: ‘O, vamos montar uma escola’. Ora, de todos, o menos entusiasta para montar uma escola era eu. Eu digo: ‘Não. O meu ramo não é... E eu não nasci pra ser professor, não nasci pra dirigir escola’. Mas... a insistência foi tanta, que, afinal, nós formamos um grupo de quatro rapazes... Resolvemos fundar a escola. E montamos, então, a escola. Éramos eu... o outro era Benedito Pacheco, Salvador Fraga e Raul Ferreira. E montamos a escola. E essa escola começou a funcionar... em abril de 1927. No dia 10 de abril, nós demos a nossa primeira aula, a aula

inaugural. Sem festas, sem pompa, sem figurões, sem nada disso, né. Uma escola modesta, simples, que iniciava suas atividades sem grandes pretensões.

O educador entrevistado justificou o nome escolhido para a denominação da escola profissionalizante criada:

E como nós vínhamos com a ideia do jornal... nós demos à escola... o nome de Cenáculo. Nós mantivemos o mesmo nome do jornal, né. Vocês sabem perfeitamente que Cenáculo... representa... o local onde Cristo se reuniu com os seus apóstolos. Mas, ao mesmo tempo, Cenáculo também representa um conjunto de pessoas que têm os mesmos ideais... e gostam, então, de trocar ideias... a respeito. E como nós éramos rapazes que tínhamos exatamente os mesmos ideais... e.... trabalhávamos em conjunto com uma determinada finalidade, é que nós resolvemos dar... o nome de Cenáculo, né. Então demos o nome de Academia Comercial Cenáculo, porque, naquela época, normalmente as escolas eram 'academias'. Era sempre academia. Então, nós... 'Academia Comercial Cenáculo'. E começamos as nossas atividades.

Inicialmente, a escola, que tinha oito alunos, funcionava no período noturno, pois os professores trabalhavam durante o dia em outros locais e vários foram se desligando depois da criação da escola:

Nós todos trabalhávamos fora e à noite, então, dedicávamos a nossa atividade à escola (...) A ideia, inclusive, de fazer um curso noturno, nasceu aliada à necessidade que os professores, os fundadores da escola, tinham de trabalhar numa outra atividade. Nós éramos quatro professores e tínhamos oito alunos (...) Nós fizemos as carteiras, com que iniciamos as nossas atividades. Preparamos tudo. Então, nós éramos secretários, nós éramos diretores, nós éramos... os professores, nós é que fazíamos... Todas as atividades eram feitas por nós quatro. E começou a funcionar. Acontece que depois, no decorrer dos trabalhos... esses nossos sócios foram se afastando. Um por umas questões pessoais, outras por,, diversidade de pensamento, de modo de agir e etc. E em fins de 1928, eu estava sozinho. Eu, que era o menos interessado na escola, acabei ficando sozinho. Mas, por teimosia, eu achei que devia continuar (batendo na mesa com a mão fechada), que a escola

não devia perecer. E continuamos. E a escola foi se desenvolvendo...

O Liceu teve, assim, início como atividade complementar de seus fundadores, contrariamente ao que ocorria nos muitos externatos particulares que existiam em São Paulo nesse período, que recebiam dedicação quase integral de seus criadores. Assemelhava-se mais a uma empresa, diferenciando-se do negócio familiar dos externatos. (DEMARTINI, 2016)

As instalações da então pequena escola eram modestas:

(A Academia Comercial Cenáculo) ficava na Rua Oriente mesmo. Na Rua Oriente, 75. Aqui acontece o seguinte: esse prédio era um armazém. Era um armazém de secos e molhados... e fechou. E nós, então... eu com minha família... alugamos essa casa. E a reunião dos rapazes se processava justamente na minha residência. E quando nós resolvemos... como ele tinha um pé direito muito alto... Esse armazém tinha um pé direito de mais de seis metros. Quando nós resolvemos criar esta academia comercial, nós fizemos o seguinte: nós dividimos o armazém... em duas parte, fizemos uma espécie de mezanino, não é?

Então dividimos ao meio e fizemos duas salas grandes. E essa parte superior representa justamente a sala nova e essa parte de baixo o que é justamente a parte térrea, né. E aqui, então, nós colocamos esta... portentosa placa. ‘Academia Comercial Cenáculo’. Ah, nós tínhamos na ocasião essas duas salas e depois nós tínhamos um porão também muito alto, um porão muito bom e nós formamos mais duas salas. Então nós tínhamos quatro salas de aula inicialmente. E deu muito bem pra começar, porque... como eu lhes disse, nosso começo foi muito modesto. Nós mesmos é que fomos à serraria, compramos a madeira... fizemos as carteiras. Porque... (ri), na época, nenhum de nós tinha capital bastante para montar algo assim... Então, nós fomos à serraria, compramos a madeira, montamos as carteiras e começamos... o nosso trabalho. Nesse prédio, nós funcionamos até 1930.



**Foto 1:** A escola da rua Oriente – década de 1920



*Fonte:* Arquivo pessoal do entrevistado (acervo da pesquisa)

Com o aumento do número de alunos, houve a transferência da escola para outro prédio e a mudança do nome, passando à denominação de Liceu Acadêmico São Paulo:

Mas, como o prédio aí já não comportava mais o número de alunos, nós resolvemos mudar. Nos mudamos para um prédio maior, que estava localizado à Rua Elisa Whitaker. Rua Elisa Whitaker, esquina com a Monsenhor Andrade. Ali perto. Questão de 300 metros. Nós passamos pra lá e

ficamos lá durante seis anos. Quando nós passamos pra lá, então nós resolvemos mudar o nome e ele passou a ser Liceu Acadêmico São Paulo, que é o nome que... se mantém até hoje. Porque aí deixou... de ser a existência de Academia Comercial Cenáculo. Porque nós montamos outros cursos, então não... A existência de Academia Comercial já não se justificava. Então nós mudamos o nome para Liceu Acadêmico São Paulo. Então, em 1931, nós mudamos para este prédio. Este era bem grande. Aqui funcionou o Grupo Escolar do Pari. E eu fiz o meu curso primário nesse grupo. Era um prédio muito bom. Ele era um prédio construído mesmo pra escola, só que não era propriedade do Estado. Era propriedade particular. Talvez tenha havido um desacerto... sobre o valor do aluguel... e, naturalmente, o governo desocupou. Ele ficou dois anos vazio, esse prédio. E depois nós conseguimos alugar.

**Foto 2:** Nova sede e novo nome: Liceu Acadêmico São Paulo – década de 1930



*Fonte:* Arquivo pessoal do entrevistado (acervo da pesquisa)

Com o crescimento da escola conseguiram construir um prédio próprio:

E durante esse período, como a escola tomou um certo desenvolvimento, nós achamos que devíamos construir um prédio próprio. E, realmente, tivemos a felicidade de conseguir um terreno na mesma Rua Oriente, pouco distante de onde... havíamos iniciado a nossa atividade. E... conseguimos construir o prédio. E, em 1937, nós voltamos, então, para a Rua Oriente... e lá ficamos até agora. Continua lá. Nós

construímos apenas uma parte, depois aumentamos e fomos ampliando. Esta era a sala de mecanografia. Nós somos dos primeiros a implantar... uma sala de mecanografia e um escritório modelo. Até máquinas elétricas nós tínhamos naquela ocasião. Isto foi na época justamente em que nós estávamos naquele prédio. De 1932 a 1936. Depois nós continuamos. No outro prédio, nós continuamos. Fomos dos primeiros a montar esta sala de mecanografia e escritório modelo. Para os alunos do penúltimo e do último ano. E era justamente do curso de contador (...) Era um galpão muito bom esse e nós aproveitávamos para... que servia justamente de pátio coberto para os alunos. E ele tinha, depois, uma área muito grande de recreio, onde nós fizemos a quadra de bola ao cesto, e ele tinha um jardim muito bonito também nesse prédio. O prédio era muito bonito. Muito grande, muito bom.

**Foto 3:** Instalações da nova sede – década de 1930



*Fonte:* Arquivo pessoal do entrevistado (acervo da pesquisa)

Havia várias salas de estudo, bem equipadas, como se vê na foto 4.

**Foto 4:** Instalações da nova sede – década de 1930



*Fonte:* Arquivo pessoal do entrevistado (acervo da pesquisa)

### *Localização estratégica do Liceu e sua clientela*

A localização dos liceus na cidade estava extremamente interligada à clientela por eles atendida, sendo sua criação condicionada pela demanda das necessidades da população.

No bairro do Brás, à época da criação da Academia Comercial “Cenáculo”, havia alguns grupos escolares e uma escola normal mantida pelo Estado, além de uma escola de comércio particular. Mas, apesar da localização privilegiada do Brás, próximo ao centro da cidade, seus moradores ressentiam-se de escolas de nível secundário, como em várias outras regiões de São Paulo. O Estado limitava-se a oferecer ensino primário, normal e superior – havia apenas um ginásio

estadual na cidade na década de 1920 –, ficando o curso secundário nas mãos da iniciativa privada.

Também as características econômicas do bairro do Brás – predominantemente comercial – e de seus habitantes – imigrantes empregados no comércio de mercadorias – influíram na escolha do tipo de ensino a ser ministrado na escola “Cenáculo”: o curso comercial.

Segundo um dos fundadores:

A ideia de montar uma escola surgiu, por parte desses meus colegas, porque se fazia necessária uma escola naquela região. Era preciso que se tivesse uma escola (...) Na década de 20, 30, eram bem poucas as escolas. Tanto que nós recebíamos, na ocasião, alunos de todos os bairros. Nós tínhamos alunos do bairro da Mooca, da Penha, Belenzinho... Do Belenzinho, por exemplo, era uma leva enorme de aluno, porque eles tinham a facilidade de condução. Havia um bonde... E o bonde passava lá no Belenzinho, na Penha, e trazia um mundo de alunos daquela região, não é. Além do bairro do Brás, nós atendíamos também pessoal do bairro do Pari, do bairro do Canindé, do bairro do Bom Retiro... Mas, economicamente, a clientela sempre foi de classe B pra baixo. Nunca tivemos alunos de classe A. Raramente, havia um ou

outro né? Mesmo porque o bairro era justamente um bairro de gente que trabalhava, de pessoal das classes laboriosas. Predominantemente no comércio. E o curso ginásial era sempre considerado um curso destinado à classe A. E nós iríamos trabalhar com elementos da classe B e da C. Então, por isso é que partimos justamente para o curso comercial, que era um curso mais modesto, de despesas menores e... ao qual nossos clientes teriam acesso, porque as contribuições eram módicas.

O entrevistado observou que, com o desenvolvimento da escola, foi possível criar o curso ginásial que era demandado por parte de várias famílias de maiores recursos.

Só em 1932 é que nós resolvemos partir para o ginásio. Isso porque a escola tomou um certo desenvolvimento e nós verificamos, então, que havia necessidade de ginásio também. E nós partimos para o ginásio atendendo também ao apelo de diversas famílias de melhores condições financeiras, que nos procuraram e disseram: ‘Os senhores precisam montar um ginásio. Nós temos elementos para manter um curso de volume. Não é?’ Esses alunos que



frequentavam os cursos diurnos eram justamente... alunos cujas famílias tinham condições de mantê-los no estudo sem que eles ajudassem financeiramente as famílias. Ao passo que os que estudavam à noite eram justamente aqueles cujas famílias necessitavam da sua colaboração para completar o orçamento familiar. Então, os do noturno eram sempre rapazes que trabalhavam. Rapazes e moças que trabalhavam para ajudar a família a manter o seu orçamento familiar. E os que estudavam durante o dia, não. E aqueles cujos pais tinham um situação melhor, uma situação financeira melhor e podiam manter, então, os filhos no estudo. Mas sempre de camada média. Sempre da classe média. Nós nunca tivemos alunos de classe alta, alunos cujo poder aquisitivo fosse maior, mesmo porque.... o bairro era um bairro de classe média para baixo, não é? (...) Naquela região havia muitos italianos, muitos portugueses, muitos espanhóis. Mas predominava o elemento italiano. Naquela época, a predominância era justamente de imigrantes italianos.

Ainda de acordo com as observações do então diretor, a afluência diferenciada de homens e mulheres a essa escola relacionava-se diretamente às condições socioeconômicas dos alunos, que

representavam uma parcela significativa do bairro do Brás. Para as camadas sociais mais baixas, o estudo era encarado como instrumento de ascensão social. Nesse sentido, privilegiava-se a formação dos homens, garantindo-lhes o acesso a cursos técnicos ou outros, mesmo que isso implicasse o pagamento das mensalidades. Às mulheres, restavam os grupos escolares estaduais, de instrução primária e gratuita ou, então, os cursos técnicos preponderantemente “femininos”, como, por exemplo, o secretariado, uma modalidade do curso de comércio.

É interessante assim observar que o Liceu Acadêmico São Paulo contou com uma procura contínua por parte das moças que aí ingressavam no curso comercial para frequentar o curso de secretariado, evidenciando como o mercado de trabalho em expansão na metrópole oferecia oportunidades também para as mulheres.

Eu acredito que, naquela época, não eram muitas as famílias, da classe média pra baixo que encaminhavam as filhas para o estudo. Para as escolas particulares. Começou o desenvolvimento, esta aproximação das meninas às escolas, começou a se desenvolver muito a partir de 60. Mas, nesse começo, não eram muitas as famílias que encaminhavam as meninas para os colégios. Não é? Mas, como havia grupos escolares em número suficiente, elas preferiam, então, mandar para os grupos escolares.

De modo que, nas escolas particulares, a frequência... das meninas era relativamente pequena. As moças procuravam muito o curso de Secretariado. Então, os cursos comerciais sempre tiveram uma frequência bastante razoável do elemento feminino. Sempre tivemos. E até hoje é muito procurado, não? Particularmente quem trabalha. Porque a maioria dos cursos comerciais tem o seu forte à noite, porque são os elementos que trabalham, pessoas que querem progredir na vida, que querem subir de posições e, naturalmente, procuram uma forma de encontrar possibilidades de chegar lá.

Embora os liceus tenham surgido em São Paulo sob circunstâncias diferentes, acabaram incorporando e ministrando uma série de cursos ao longo dos anos, seguindo a demanda da clientela, ou, então, procurando adaptar-se às transformações implementadas no sistema de ensino. Nesse sentido, os depoimentos sobre o Liceu Acadêmico São Paulo indicam-nos como se deu o desenvolvimento dos estudos e a opção por determinados cursos.

O Liceu Acadêmico São Paulo (LASP) teve início apenas como curso comercial noturno, mas passou a oferecer os cursos primário, ginásial, colegial, normal e, mais recentemente, o curso superior, delimitando uma trajetória de nítida ascensão:

Em 1930, quando nós partimos para o outro prédio, nós também começamos com o curso primário. Então, funcionava o curso primário e funcionava o curso comercial. Não é? Mas aí nós já tínhamos, em mil novecentos e... Quando nós partimos para esse prédio, em 1931, nós já tínhamos elementos para formar um curso diurno. Sempre do curso comercial. E aí, então, em 32, nós partimos para o ginásio. Partimos para o ginásio, e depois, em 38, partimos para o colégio também. Depois de um certo tempo de funcionamento do ginásio, nós partimos para o colégio. Mas a escola de comércio era valorizada na época. Tanto era valorizada que nós, antes de montarmos o curso ginásial, nós já tínhamos no curso comercial quase mil alunos! (...) A procura pelo curso comercial era predominantemente de homens. Homens. A proporção era... vamos dizer de... 70, 75% de homens e 20, 25% de mulheres. Sempre foi assim. Sempre foi assim. Na primeira turma, eram oito alunos. Nós tínhamos duas mulheres. Nós tínhamos duas moças e seis rapazes.

Com a transformação do bairro, que foi perdendo moradores à medida que se tornava comercial, tomou-se a decisão de que seria necessário

diversificar as atividades do Liceu, sendo então criado o curso superior em 1971:

(...) E a escola foi crescendo, num crescendo... Então nós mantivemos o curso colegial, o curso normal. E enquanto o bairro se mantinha populoso, um bairro residencial, a escola também foi se mantendo e num crescendo, num crescendo contínuo. Mas chegou uma época em que o bairro foi se despovoando. Ele passou a se tornar um bairro... de residencial para um bairro comercial. Então o bairro foi se esvaziando. E a escola, naturalmente, sentiu os efeitos. Então, em 1971, nós achamos que devíamos partir para uma outra atividade. Como os cursos estavam diminuindo de intensidade, partimos para o curso superior.

A instituição continua atuando nesse nível de ensino até os dias atuais com a denominação de Faculdade Carlos Pasquale.

**Foto 5:** Alunos do curso diurno – década de 1930

*Fonte:* Arquivo pessoal do entrevistado (acervo da pesquisa)

### *Programas, disciplinas, metodologia*

O curso comercial, por se tratar de formação técnica, exigia um programa especial, mais amplo do que o ginásial, constando de disciplinas específicas e material apropriado. Sua duração se prolongava por seis anos de estudo, podendo-se afirmar que eram dois cursos em um – ginásio e comercial. O diretor do LASP nos falou a respeito da estruturação do curso, organizada pela então Diretoria do Ensino Comercial, de âmbito federal. Ele garantia o bom preparo dos

alunos egressos do curso de comércio, que disputavam vagas na universidade com uma certa superioridade em relação aos colegas:

Até 1931, esse curso comercial era constituído de quatro anos de estudo. Depois, em 1931, foi feita uma reforma de ensino e ele passou a ser de seis anos. Ele passou a ter três anos de formação, de propedêutico, e três anos de curso técnico, não é? Então era o propedêutico e depois havia o curso técnico de contador. Mais tarde... ele sofreu outra reforma. Então ele passou a se constituir de quatro anos de curso pro... básico e três anos de curso técnico. Sete anos. Não é? As matérias lecionadas naquela época eram quase que as mesmas do ginásio, com... o aumento das matérias técnicas. Não é? Nós tínhamos, por exemplo, no curso comercial estudava-se Português, Inglês, Matemática, Geografia, História, não é? Sociologia... E mais, estudava-se, então, a História Administrativa, estudava-se Legislação Fiscal, estudava-se Contabilidade, estudava-se Legislação Fiscal, estudava-se Direito Comercial.

O currículo da escola, que atendia os interesses dos alunos ao veicular conhecimentos da área mais profissionalizante, também permitia que

pudessem ingressar em cursos universitários de outras áreas, como Direito:

Então era um currículo que dava ao aluno conhecimentos bastantes para ele trabalhar no comércio tranquilamente. E nós tínhamos.... Os alunos que concluía o curso... o curso técnico, ou seja, o curso de contador, que mais tarde veio a ser o curso Técnico de Contabilidade, esses alunos... nos concursos para ingresso nas faculdades de Direito, eles levavam uma vantagem enorme sobre os que faziam curso colegial. A única coisa que eles não tinham... em seu favor, era o estudo de Latim. Que no ginásio havia o Latim e no curso comercial não havia o Latim. Mas eles, com umas aulas particulares, ele se colocavam em condições de prestar o exame de ingresso, o vestibular, em vantagem sobre os alunos dos cursos colegiais.

**Foto 6:** Mural com os contadorandos de 1933





*Fonte:* Arquivo pessoal do entrevistado (acervo da pesquisa)

Nessa época, as disciplinas técnicas ressentiam-se de livros didáticos apropriados, obrigando os professores a recorrer às famosas apostilas e ao ditado de pontos da matéria:

Naquela época, os livros didáticos eram muito escassos. Eram muito escassos. Então, ou nós ditávamos as aulas ou, então, fazíamos apostilas, que distribuíamos aos alunos. Havia livros... Por exemplo, havia livros de Geografia, livros de História... Estes sempre existiram. Mas das matérias

técnicas havia uma deficiência muito grande. Então nós tínhamos para as... as disciplinas usuais, como Português, Geografia, História, Matemática, nós tínhamos livros didáticos. Mas para as matérias técnicas não havia. Então nós organizávamos os pontos e ditávamos aos alunos ou, então, fazíamos apostila e distribuíamos aos alunos. Isso se manteve durante muitos anos. Só mais tarde é que começaram a surgir, então, os livros técnicos. Livros de Contabilidade, livros de Legislação Fiscal, de Direito Comercial... De acordo com a capacidade, porque os livros de Direito Comercial existiam. Mas nós não podíamos dar um livro de Direito Comercial para um aluno que começava a estudar Direito Comercial. Mesmo porque o nosso Direito Comercial, ele... ia até um certo limite. Nós não estudávamos todo o Direito Comercial. Não havia essa profundidade, não é?

Por outro lado, a direção do Liceu Acadêmico São Paulo esmerou-se em oferecer instalações adequadas ao funcionamento de seu curso de comércio, dotando a escola de sala de mecanografia e escritório modelo de contabilidade, capaz de possibilitar aos alunos a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula:

Fomos dos primeiros a montar essa sala de mecanografia e escritório modelo. Para os alunos...

do penúltimo e do último ano. E era justamente do curso de contador. Então eles (os alunos) trabalhavam com... notas fiscais, com faturas, duplicatas, notas promissórias, cheques, todos aqueles documentos que se utilizavam na época, não é? Eles trabalhavam com tudo. Era um ensino bastante eficiente, modéstia à parte.

**Foto 7:** Aula do curso comercial – década de 1930



*Fonte:* Arquivo pessoal do entrevistado (acervo da pesquisa)

Certamente, muitas autoridades escolares estaduais invejariam as instalações do Liceu Acadêmico São Paulo que, após ter superado a fase improvisada e precária da “Academia Comercial Cenáculo”, equipou-se de maneira exemplar. Com a mudança para um prédio maior e o aumento dos cursos oferecidos, o Liceu Acadêmico São Paulo ganhou laboratórios de química, de história natural, salas de geografia, de mecanografia, escritório modelo de contabilidade e quadra de esportes. Além do depoimento do professor proprietário, o recurso a fotografias cedidas pela atual direção da escola nos auxiliam a precisar a dimensão da transformação por que passou a escola e também as diferenças mantidas em revelação aos externatos particulares.

### *O trabalho como professor*

Em se tratando da habilitação de professores para o exercício do magistério, é preciso observar, como já foi assinalado, que o Liceu Acadêmico São Paulo nasceu da iniciativa de alguns jovens empregados em escritórios, com formação comercial, nenhum deles frequentara uma Escola Normal, logo, segundo denominação da época, tratava-se de professores leigos. Somente a partir da década de 30 é que se passou a exigir o registro como professor junto à Diretoria do Ensino. No entanto, bastava comprovar o tempo durante o qual se exercera essa atividade para obter o registro. Dessa forma, a capacitação ao magistério de muitos professores do Liceu Acadêmico São Paulo não incorporava uma formação pedagógica específica, ainda que tivessem relativa intimidade com suas especialidades pelo desempenho profissional (advogados, médicos, contadores etc.). De acordo com o depoimento do professor-proprietário do Liceu Acadêmico São Paulo,

A maioria dos professores era de professores leigos. Os registros de professores começaram a ser feitos em 1930 e qualquer coisa. Então, a partir daí passou a ser exigido o registro de professor para lecionar. Mas o registro, naquela época... era muito fácil de conseguir. Era bastante que o diretor atestasse que o professor lecionou durante tanto tempo. Não é? Ele apresentava

um título de curso feito e as diretorias, tanto do ensino comercial como do ensino secundário, expediam, então, o registro. Não havia tanta dificuldade. Hoje não. Hoje, o indivíduo, pra conseguir o registro, ele precisa ter todo o currículo de uma formação superior. Senão ele não consegue. Os professores a maioria eram leigos. Mas... Todos eles tinham formação. Nas disciplinas técnicas, nós aproveitávamos justamente os de curso superior. Por exemplo, para lecionar Direito, um advogado. Para lecionar Biologia, um médico, não é? Para lecionar Contabilidade, um indivíduo que tinha feito curso de Contabilidade. Então, desde que ele tenha feito o curso de contador, estava habilitado a ministrar as aulas de Contabilidade.

Até mesmo o diretor e proprietário do Liceu Acadêmico São Paulo atuava como professor de várias disciplinas do núcleo básico, consistindo sua única formação no curso de contador, conseguido na Escola de Comércio 30 de Outubro no bairro do Brás:

Eu lecionei desde 1927 até 1962. Eu dava as minhas aulas. Eu exercia a função de direção e dava as minhas aulas. Eu lecionava, de preferência,

Contabilidade, que eu gostava muito. Contabilidade e Geografia. Eram as disciplinas de que eu mais gostava. (Ri) Então eu lecionava de preferência essas duas. Mas, como a gente tinha assim, de um modo geral, um conhecimento de tudo, quando faltava o professor de Matemática, eu dava aula de Matemática. Se faltava o professor de História, eu dava aula de História (Ri). Então era... assim... aula de todas as matérias, quando... se fazia necessário. Mas as minhas matérias eram Contabilidade e Geografia. Era o que eu gostava.

*A manutenção das Escolas e a relação com o Estado*

Já fizemos menção, em páginas anteriores, ao caráter empresarial dos liceus. Tal afirmação encontra fundamento no desejo de seus proprietários de ampliar constantemente as atividades das escolas e, em consequência, o seu rendimento financeiro. No entanto, nem sempre esse processo de crescimento ocorreu de forma contínua e ininterrupta, como podemos observar com relação ao Liceu Acadêmico de São Paulo e ao Liceu Nacional Rio Branco.

A expansão e consolidação do LASP parece ter sido mais tranquila que a do Rio Branco. Após o curto período em que a escola foi administrada por quatro sócios, o Liceu São Paulo passou a contar com a direção de um único proprietário, que narra orgulhosamente o caminho percorrido pela escola como o seu próprio. Nesse caso, a gestão por um único dono não deu margem às frequentes mudanças de orientação que experimentou o Liceu Rio Branco e o LASP prosperou graças às “contribuições módicas” dos alunos do bairro do Brás e também do recurso à propaganda. Segundo afirmou o diretor do LASP, esta era a finalidade das fotografias que aqui seguem em anexo:

(Essas fotos foram tiradas com que objetivo?) Apenas como divulgação, porque nós fazíamos um prospecto... nós fazíamos um pequeno prospecto que



mandávamos para as famílias a título de... de promoção, de propaganda, né? Então nós aproveitamos essas fotografias, reduzíamos e colocávamos no nosso prospecto. Para mostrar justamente as instalações.

Ao que tudo indica, a relação dos liceus com o Estado se dava sem grandes problemas limitando-se os inspetores a verificar o funcionamento dos cursos e as notas dos alunos. Mas, recuperando discussões anteriores acerca dessa mesma questão, a não ‘interferência’ do Estado em assuntos como instalações da escola ou habilitação dos professores, por exemplo, provinha mais da falta de recursos e instrumentos por parte do Estado para fazer valer tais exigências do que por ausência de interesse.

Assim, o diretor do LASP contou-nos em que nível ocorria essa fiscalização:

Sempre houve uma fiscalização. Enquanto nós tínhamos só o curso comercial, a fiscalização era exercida pela Diretoria do Ensino Comercial. Quando nós criamos o curso ginásial, então, pela Diretoria do Ensino Secundário. Não é? Ambas... funcionando junto ao Ministério da Educação. Mas não havia uma

interferência no funcionamento. Eles apenas verificavam o funcionamento da escola. Verificavam se... as notas atribuídas efetivamente estavam certas. Eles controlavam as provas que se realizavam... Todas as provas eram feitas com a presença do inspetor federal. Naquela época era inspetor. Hoje é supervisor. Era um inspetor federal. Até a criação justamente do Conselho Estadual de Educação. Então nós estávamos sempre subordinados ao Governo Federal. A fiscalização toda era feita pelo Ministério da Educação através das suas diretorias. A Diretoria do Ensino Comercial e a Diretoria do Ensino Secundário, não é? Depois, com a criação dos Conselhos Estaduais, é que houve então essa separação. Então nós passamos... Os cursos passaram a ser controlados pelo Estado, pela Secretaria da Educação do Estado.

### *Algumas anotações finais*

Pretendemos evidenciar como as memórias de educadores sobre suas experiências educacionais são fundamentais para o conhecimento da constituição e funcionamento do campo educacional, assim como para a compreensão das vivências dos próprios grupos sociais em

determinada época. Focalizamos a experiência educacional de uma escola particular, mas discutindo-a com base nas memórias obtidas por meio de história de vida de sujeito que a acompanhou desde o início. Também incorporamos as fotos e os documentos disponibilizados pelos entrevistados durante o processo de pesquisa. Por meio da metodologia de História Oral utilizada, foi possível explicitar como pessoas de origens variadas, nacionais e imigrantes, participaram ativamente da criação de escolas de diferentes tipos, com veiculação de práticas e saberes vinculados às necessidades e culturas de cada grupo, que marcaram o sistema educacional paulista desde o início do século XX.

O caso analisado do Liceu Acadêmico São Paulo evidencia que a opção pelo ensino particular não se restringia apenas à camada alta da sociedade paulistana. Também as camadas média e baixa tinham estratégias próprias de acesso aos cursos secundários – predominantemente particulares –, ainda que de maneira limitada. Tal situação amplia o entendimento da expansão do sistema de ensino na cidade de São Paulo, à medida que introduz aspectos à reflexão sobre as demandas da população e sua importância na constituição do campo educacional. Tais experiências continuam exercendo influência no campo educacional e sendo lembradas até os dias atuais.

Também permite afirmar que, ao contrário do que muitos supunham, havia escolas particulares que procuravam ministrar um ensino de qualidade e de acordo com a legislação oficial (o que também observamos no estudo de outras experiências pesquisadas).

Se as escolas particulares ligadas a instituições religiosas se pautavam pelas determinações e interesses destas últimas, escolas particulares como o Liceu, que foi criado por iniciativa de um grupo de amigos, este trazia as marcas de um empreendedorismo no campo educacional, voltado para o atendimento da população quantos às demandas por ensino profissionalizante, de oferta muito restrita por parte do Estado.

A análise de experiências como a aqui abordada permite a explicitação e revisão de aspectos importantes da história da educação paulista e que merecem ser considerados. Coloca também em discussão a ausência de políticas de preservação da memória do campo educacional e das práticas e saberes neles veiculados pelos educadores e educandos envolvidos.

*Bibliografia:*

ANTUNHA, H. C. G. *A instrução pública no Estado de São Paulo: A Reforma de 1920. Estudos e Documentos*. 12, FEUSP, São Paulo.

AZEVEDO, Fernando de. *A educação na encruzilhada*. 2º edição. São Paulo: Melhoramentos, 1960. p. 178 - 179

DEMARTINI, Z.B.F. ESPÓSITO, Y.; ANTUNES, F.; GRIMALDI, Regina Celia. *Memórias de velhos mestres da cidade de São Paulo e seus arredores*. CERU, 1988.

DEMARTINI, Zeila; ESPÓSITO, Yara. São Paulo no início do século e suas escolas diferenciadas. *Ciência e Cultura*, SBPC. v. 41. Out 1989. P. 981 - 982.

DEMARTINI, Z. B. F. *Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais*. Revista Portuguesa de Educação, Lisboa, 8(1):5-10, 1995.

DEMARTINI, Z. B. F. Viagens Vividas, Viagens Sonhadas: Os Japoneses Em São Paulo Na Primeira Metade Deste Século. In: Alice Beatriz da Silva Gordo Lang. (Org.). *Família em São Paulo: Vivência na diferença*. 1ed. São Paulo: Humanitas, 1997, p. 77-95.

DEMARTINI, Z. B. F. Immigration in Brazil: the insertion of different groups. In: Uma A. Segal; Nazneen S. Mayadas; Doreen Elliot. (Orgs.). *Immigration Worldwide: policies, practices and trends*. New York: Oxford University Press, 2010, v. p. 409-423.

DEMARTINI, Z.B.F. *Memórias de professores da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX* In: Yvone Dias Avelino; Arlete Assumpção Monteiro; Marcelo Flório. (Orgs.). *Tecituras das cidades: história, memória e educação*. 1º ed. São Paulo: 2016, v. 1, p. 209-226.

DEMARTINI, Z. B. F. *Abordagem biográfica e a presença dos sujeitos na produção do conhecimento*. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A nova aventura biográfica*. Tomo III. 3º ed. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2018, p. 391-427.

MILLIET, Sérgio. *Roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: 1939. (Coleção Departamento de Cultura; v. 25).

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pedagógica e Universitária / MEC, 1974.

PESTANA, Paulo R. *A expansão econômica do Estado de São Paulo num século: 1822-1922*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, 1923.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. *A imigração*. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Difel, 1977. Vol. 3. p. 93-133.

SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1960.

*Fontes:*

SÃO PAULO, Anuario do Ensino do Estado de São Paulo – Directoria Geral da Instituição Pública. Typ. Siqueira: 1917

SÃO PAULO, Anuario do Ensino do Estado de São Paulo – Directoria Geral da Instituição Pública. Typ. Siqueira: 1914

DIRECTORIA de Terras, Colonização e Imigração do Estado de São Paulo. São Paulo: D.T.C.I., 1937.